



O PODCAST COMO FERRAMENTA FORMATIVA EM UM CURRÍCULO CRÍTICO-MULTIRREFERENCIAL NO CÁRCERE

The podcast as a formative tool in a critical-multireferential curriculum in prison contexts

COELHO, Evandro Vilas Boas¹

SANTOS, Jocenildes Zacarias²

RESUMO

Este artigo analisa o potencial formativo do podcast na educação escolar desenvolvida em contextos de privação de liberdade, articulado a um currículo crítico-multirreferencial. Fundamentado em pesquisa-ação qualitativa realizada em uma unidade escolar do sistema prisional da Bahia, o estudo examinou a produção colaborativa do podcast PodCêSimples como dispositivo de interação, expressão e reflexão crítica dos educandos. A análise, ancorada em referenciais como Freire, Ardoino, Macedo e Onofre, evidencia que a experiência favoreceu a emergência de narrativas identitárias, o engajamento nas práticas pedagógicas e processos de resignificação de si e de si no mundo. Os resultados indicam que o uso pedagógico do podcast amplia possibilidades de aprendizagem e promove a construção de sentidos em um espaço marcado por controle e silenciamento, apontando contribuições para práticas curriculares emancipadoras na EJA prisional.

Palavras-chave: Educação em prisões. Currículo crítico-multirreferencial. Podcast. Pesquisa-ação. Resignificação.

ABSTRACT

This article examines the formative potential of the podcast in school education developed within contexts of deprivation of liberty, grounded in a critical-multireferential curriculum perspective. Based on qualitative action research conducted in a prison-based school in Bahia, Brazil, the study analyzed the collaborative production of the PodCêSimples podcast as a device for interaction, expression, and critical reflection among students. Anchored in authors such as Freire, Ardoino, Macedo, and Onofre, the findings show that the experience fostered identity narratives, learning engagement, and processes of self- and world-resignification. Results indicate that the pedagogical use of podcasts expands learning possibilities and supports emancipatory curricular practices in Prison-EJA contexts.

Keywords: Prison education. Critical-multireferential curriculum. Podcast. Action research. Resignification.

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor da Rede Pública. E-mail: profgeoxixa@gmail.com.

² Pós-Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa GELITIC. E-mail: jzsantos@uneb.br.

INTRODUÇÃO

Tempo virá.

Uma vacina preventiva de erros e violência se fará. As prisões se transformarão em escolas e oficinas. E os homens imunizados contra o crime, cidadãos de um novo mundo, contarão às crianças do futuro histórias absurdas de prisões, celas, altos muros, de um tempo superado (Cora Coralina, 1983).

Há pedagogias inscritas no chão que pisamos, nos muros que nos contêm e nos silêncios que nos atravessam e que configuram a tessitura do aprender. Nascemos imersos em possibilidades, formando-nos na relação contínua com o mundo. Como canta Lenine na música *Vivo*, somos seres “precários, provisórios, perecíveis”, e, ao mesmo tempo, “impuros, imperfeitos, impermanentes” (Lenine, 2004), revelando a condição humana de permanente inacabamento e travessia. Contudo, há territórios em que essa travessia se torna mais árida, como nos espaços de restrição e privação de liberdade, onde a lógica do confinamento tende a reduzir sujeitos a números e prontuários. Porém, mesmo nesses contextos, pulsam histórias, memórias e geografias de resistência, pois homens e mulheres ali presentes, ainda que desterritorializados do convívio social, permanecem sujeitos de direitos e portadores de saberes.

É precisamente nesse cenário que se inscreve o problema desta pesquisa: compreender como práticas pedagógicas podem promover processos de aprendizagem e ressignificação de si e de si no mundo no contexto prisional.

A educação escolar que acontece no sistema prisional brasileiro, majoritariamente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), enfrenta desafios ímpares, movendo-se num campo de tensões profundas. Como nos aponta Onofre (2015, p. 240), esta modalidade educativa se situa na intersecção de “duas lógicas opostas”: a da educação, “por essência transformadora”, e a da “cultura prisional, que visa adaptar o indivíduo ao cárcere”, operando para ajustar corpos e subjetividades à lógica do enclausuramento, da vigilância e da punição.

Esta lógica, profundamente enraizada na arquitetura institucional da prisão, conecta-se diretamente com os dispositivos disciplinares analisados por Foucault (2014). Para o autor, a disciplina não se limita à imposição de regras, mas constitui-se como uma técnica minuciosa de poder, capaz de penetrar nos corpos e nas consciências. Quando afirma que “A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (Foucault, 2014, p. 167), explicita que o objetivo não é apenas custodiar fisicamente, mas, sobretudo, moldar subjetividades, produzir corpos dóceis e almas subjugadas ao olhar constante da vigilância e à normatização comportamental.

Nesta perspectiva, o enclausuramento não se resume ao impedimento da circulação física, mas se configura como uma sofisticada engenharia social que, através de práticas disciplinares, busca normalizar, domesticar e ajustar as pessoas às lógicas institucionais do cárcere, estabelecendo uma “pedagogia perversa”: a da obediência, da repetição e do silêncio. A prisão, então, não é apenas um espaço de exclusão, mas também um laboratório de produção de subjetividades forçadas, como denuncia Foucault.

Ao tensionar essas dinâmicas, a educação escolar que se realiza no interior das prisões carrega, inevitavelmente, esta contradição estrutural: se por um lado tem como horizonte ético-político a emancipação, a autonomia e a ressignificação do ser social; por outro, está imersa em um espaço forjado para a vigilância, o controle e a submissão. Assim, o ato educativo nesse

contexto se torna, simultaneamente, um exercício de resistência, um território de disputa simbólica e um lugar de insurgência epistêmica.

Assim, enfrentar a tensão constitutiva entre educação e encarceramento demanda práticas pedagógicas que ultrapassem a concepção de educação como mera ressocialização ou ocupação do tempo. Trata-se de promover processos de emancipação, conforme defende Freire (2011, 2016), e de ressignificação do ser e de sua presença no mundo, como argumenta Coelho (2020). É nesse horizonte que se inscreve esta pesquisa, que busca compreender de que modo a utilização pedagógica do podcast, integrada a um currículo crítico-multirreferencial, pode instaurar espaços de expressão, diálogo e reconstrução identitária no interior da prisão.

É nesse entre-lugar, onde a educação precisa romper com os muros visíveis e invisíveis, que a utilização de algumas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as permitidas pelo sistema prisional, se anunciam como potenciais aliadas, capazes de abrir horizontes para o mundo, mediar diálogos e amplificar vozes frequentemente silenciadas. Possibilidades de escuta e de reconstrução de sentidos.

Dentre essas, o podcast, mídia sonora que permite a criação e distribuição de conteúdo sob demanda (Lopes, 2015), uma ferramenta intimista, que cabe ao ouvido, no tempo e na vida, emergindo como possibilidade de território formativo, apresenta-se como um recurso promissor. De caráter dialógico, acessível e rizomático, o podcast se constitui um instrumento potencializador, utilizado para dar lugar às narrativas, aos saberes, aos afetos e às geografias das pessoas.

Assim, torna-se um canal de partilha de experiências, de reflexões e de saberes construídos de forma coletiva, operando não apenas como um recurso didático, mas como um dispositivo de subjetivação, de escuta sensível e de produção de sentidos. O podcast, portanto, não é somente um recurso didático, ele se faz espaço de enunciação, canal de escuta e de restituição de humanidade, sobretudo em contextos em que o silêncio foi imposto como política e o não lugar foi decretado como sentença.

A presente escrita resulta de uma pesquisa-ação ancorada em Thiollent (2011) e Barbier (2002) desenvolvida no Colégio Professor George Fragozo Modesto, localizado no Complexo Penitenciário do Estado da Bahia.

A investigação teve como objeto a experiência formativa construída com educandos da EJA em contexto de privação de liberdade e buscou responder à seguinte questão central: de que modo o uso pedagógico do podcast, integrado a um currículo crítico-multirreferencial, contribui para processos de aprendizagem e ressignificação de si e de si no mundo? A perspectiva crítico-multirreferencial, ancorada em Ardoino (2012) e Macedo (2002, 2012, 2013), orientou a análise ao reconhecer a complexidade dos fenômenos educativos e a necessidade de mobilizar múltiplas referências, teóricas, experienciais e culturais, na compreensão e transformação da prática.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em analisar as potencialidades formativas do uso pedagógico do podcast no contexto da educação escolar desenvolvida em situação de privação de liberdade, a partir da produção colaborativa do *PodCêSimples*. Para atingir tal finalidade, estabeleceram-se três objetivos específicos: (a) compreender como a perspectiva crítico-multirreferencial pode orientar a construção curricular no ambiente prisional; (b) fomentar práticas pedagógicas emancipatórias, baseadas no diálogo e na reflexão crítica; e (c) examinar o processo de criação, gravação e circulação do podcast como instrumento de interação, socialização, aprendizagem e expressão das vozes dos educandos e das educandas.

A relevância deste estudo repousa na necessidade de construir alternativas pedagógicas sensíveis às especificidades da educação escolar realizada em contextos de privação de

liberdade, reconhecendo os educandos como sujeitos portadores de saberes, histórias e possibilidades de reconstrução de si e de si no mundo. Ao articular currículo, tecnologias e formação humana, a pesquisa contribui para o campo Trabalho-Educação ao evidenciar como práticas multirreferenciais e dialógicas podem instaurar processos de aprendizagem significativos em espaços marcados por relações desiguais de poder. Desse modo, oferece subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de práticas que ultrapassem a dimensão instrucional, favorecendo movimentos de ressignificação do ser social, da postura de vida e da forma de perceber o mundo (Coelho, 2020, p. 113).

O artigo organiza-se em três movimentos: (a) apresentação do desenvolvimento, no qual são explicitados o referencial teórico-metodológico e a experiência pedagógica que envolveu a criação do podcast; (b) discussão dos achados, com atenção às percepções e narrativas dos educandos; e (c) considerações finais, que sintetizam os principais resultados, indicam limites do estudo e sugerem desdobramentos para pesquisas e práticas futuras.

EMANCIPAÇÃO E MÚLTIPLOS OLHARES

A práxis investigativa e pedagógica desenvolvida nesta pesquisa-ação apoia-se na pedagogia emancipatória de Paulo Freire, que compreende a educação não como transmissão de conteúdos, mas como “prática da liberdade” (Freire, 2003, p. 15). Em um contexto em que a liberdade física é restringida, torna-se ainda mais necessária uma educação que promova processos de conscientização, entendidos como a capacidade de ler criticamente a realidade e reconhecer-se como agente de transformação (Freire, 2016). Nessa perspectiva, assumir-se como educando ou educanda implica “reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer” (Freire, 2011, p. 65), fundamento ético-político que orienta a construção dialógica da prática pedagógica e sustenta os movimentos de ressignificação de si e de si no mundo.

Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, considerada adequada para investigar fenômenos educativos complexos, nos quais as dimensões subjetivas, relacionais e contextuais desempenham papel central (Bogdan; Biklen, 1994; Flick, 2009). Associada a essa abordagem, adota-se a perspectiva crítico-multirreferencial, cunhada por Jacques Ardoino, que propõe uma “leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos” (Ardoino, 2012, p. 87). Conforme destaca Macedo (2012, p. 36), essa perspectiva amplia as possibilidades de compreensão dos fenômenos ao articular saberes acadêmicos, experiências vividas e dimensões culturais e subjetivas. No contexto deste estudo, tal abordagem permitiu interpretar a prática pedagógica desenvolvida no cárcere a partir de múltiplas vozes dos educandos, do professor-pesquisador e do próprio ambiente institucional, reconhecendo a complexidade do real e contrapondo-se a leituras reducionistas ou homogeneizantes.

TECENDO DIÁLOGOS

A construção da pesquisa e da prática pedagógica desenvolvida neste estudo dialoga com diferentes campos teóricos que problematizam a educação em contextos de privação de liberdade. Embora assegurado pela Lei de Execução Penal (Brasil, 1984) e por normativas internacionais, o direito à educação enfrenta barreiras estruturais e culturais no ambiente prisional (Carreira; Carneiro, 2009). Onofre (2007, 2014) e Ireland (2011) evidenciam a tensão entre os princípios educativos e a lógica institucional do cárcere, apontando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a singularidade das pessoas e das condições em que aprendem. Nessa direção, Muñoz (2011, p. 57) afirma que o encarceramento não anula o direito à educação, “um imperativo em si”, ainda que marcado por desafios “ambientais,

sociais, institucionais e individuais”. Essas discussões fundamentam a escolha de metodologias capazes de criar brechas para a expressão, o diálogo e a reconstrução de sentidos; aspectos centrais para a proposta formativa com o podcast.

No campo dos estudos do currículo, Silva (2017) problematiza modelos tradicionais centrados em objetivos, métodos e eficiência, destacando a necessidade de abordagens críticas e pós-críticas que revelem as relações de poder, os processos de reprodução cultural e as questões de identidade e subjetividade. A perspectiva multirreferencial (Ardoino, 2012; Macedo, 2002; Fróes Burnham, 1998) integra esse movimento ao conceber o currículo como “artefato inventado para alterar” (Macedo, 2002, p. 25, apud Coelho, 2020), aberto à complexidade, à errância e à articulação de múltiplos referenciais. Essa concepção é particularmente pertinente no contexto prisional, onde práticas pedagógicas precisam tensionar estruturas rígidas e instaurar espaços de expressão e diálogo. Nesse cenário, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) não atuam como soluções técnicas, mas como mediadoras de novas formas de interação e construção de sentidos (Lévy, 1999; Santos, 2006). Entre elas, o podcast destaca-se por seu potencial dialógico e narrativo (Lopes, 2015), permitindo a socialização de experiências e a amplificação das vozes dos educandos, configurando-se como dispositivo coerente com uma prática curricular crítico-multirreferencial.

A pesquisa adotou a metodologia da pesquisa-ação (Thiollent, 2011; Barbier, 2002; Tripp, 2005), escolhida por seu caráter participativo e transformador, que envolve os sujeitos da prática na identificação de problemas, na construção coletiva de ações e na reflexão sobre seus efeitos. O ciclo investigativo, planejamento, ação, observação e reflexão (Franco, 2005), articulou-se, neste estudo, ao papel do professor-pesquisador imerso no cotidiano escolar do cárcere, cuja presença possibilitou acompanhar, dialogar e intervir de modo contínuo. Essa perspectiva metodológica alinha-se aos princípios emancipatórios freirianos, na medida em que valoriza a participação ativa dos educandos e reconhece a prática como espaço de produção de conhecimentos e de transformação.

CARTOGRAFANDO O PERCURSO

A pesquisa configurou-se como um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido sob a modalidade da pesquisa-ação ao longo de 2018. O lócus investigativo foi o Colégio Professor George Frago Modesto (CPGFM), instituição que oferta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em diferentes unidades do Complexo Penitenciário do Estado da Bahia, em Salvador. Participaram do estudo educandos e educandas do Tempo Formativo II (Eixo V), de turmas masculinas e femininas nas quais o pesquisador atuava como professor de Geografia. Conforme Macedo (2013, apud Coelho, 2020), esses sujeitos são compreendidos como “curriculantes”, isto é, participantes ativos na construção curricular. Embora o número de participantes tenha variado devido a transferências internas e mudanças de regime, dinâmica própria do contexto prisional, o grupo central manteve interação contínua com o pesquisador durante todo o processo formativo, constituindo o corpus da investigação.

A abordagem metodológica articulou a pesquisa qualitativa e a pesquisa-ação de modo a permitir uma compreensão densa e multifacetada da realidade educativa no cárcere. A produção dos dados baseou-se na triangulação de diferentes instrumentos, observação participante, registros reflexivos dos educandos, questionários semiestruturados, documentos escolares e o próprio processo de criação do podcast, procedimento que possibilitou captar múltiplas perspectivas e cruzar informações distintas. Tal estratégia, coerente com a multirreferencialidade, reforça a robustez analítica do estudo ao evitar leituras monolíticas do fenômeno investigado e ao minimizar os vieses decorrentes de abordagens monométricas.

A posição do pesquisador como professor em exercício no contexto prisional possibilitou o emprego da observação participante como eixo metodológico central, entendida não apenas como técnica de registro, mas como atitude de presença, escuta e implicação ética, conforme propõe Barbier (2007). Esse acompanhamento cotidiano permitiu apreender dinâmicas relacionais, interações afetivas e significados atribuídos às práticas educativas. No âmbito dessas observações emergiram os Momentos "Fala Que Te Escuto" (FQTE), realizados semanalmente no contexto das aulas de Geografia, que se constituíram como espaços de diálogo, reflexão e compartilhamento de experiências. Esses encontros foram registrados em diário de campo e compuseram parte substantiva do corpus analisado, uma vez que expressaram processos de subjetivação, tensões institucionais e movimentos de ressignificação vivenciados pelos educandos. A escuta sensível, nessa perspectiva, ultrapassou a dimensão auditiva e tornou-se instrumento analítico para compreender como os participantes elaboravam sentidos sobre si, seus percursos e o próprio espaço prisional.

Com o intuito de apreender percepções individuais e processos de ressignificação de si, os educandos foram convidados a produzir anotações pessoais ao longo do percurso formativo. Esses registros, inspirados na metodologia dos diários de campo, continham impressões, sentimentos e reflexões elaboradas livremente pelos participantes e compuseram um corpus significativo para a análise fenomenológica da experiência. De forma complementar, aplicaram-se questionários semiestruturados em dois momentos: no início, para identificar concepções prévias sobre currículo, escola e aprendizagem; e ao final, para avaliar a experiência e captar transformações percebidas pelos sujeitos. A triangulação desses dados foi enriquecida pela consulta a documentos institucionais, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e dados de matrícula, que permitiram situar a pesquisa no quadro normativo e estrutural da escola e compreender as tensões entre o prescrito e o vivido no contexto prisional.

O processo de criação do podcast, envolvendo planejamento, escolha temática, gravação e escuta coletiva, constituiu um elemento central tanto da intervenção pedagógica quanto da produção dos dados. A atividade foi desenvolvida de forma colaborativa, com participação ativa dos educandos na definição dos conteúdos e na construção das narrativas. Os áudios produzidos foram transcritos e analisados como material narrativo, permitindo identificar dinâmicas de interação, formas de autoria, emergência de lideranças e processos de elaboração subjetiva. A produção midiática, ao exigir a organização do pensamento e a externalização de experiências e emoções, contribuiu para compreender movimentos de ressignificação de si e ampliou as possibilidades de análise sobre a constituição dos sujeitos no contexto prisional.

A análise dos dados seguiu uma abordagem temática inspirada nos procedimentos de categorização e identificação de padrões de sentido, buscando reconhecer temas recorrentes e modos de enunciação presentes nas narrativas dos participantes. A triangulação das informações provenientes da observação participante, dos Momentos FQTE, das anotações pessoais, dos questionários, dos documentos institucionais e do processo de criação do podcast conferiu robustez interpretativa ao estudo. A interpretação dos materiais foi orientada pelos referenciais teóricos da pesquisa, articulando a perspectiva crítico-multirreferencial e elementos da geografia humana, o que permitiu compreender como os participantes significavam suas experiências e elaboravam processos de ressignificação no contexto prisional.

MÚSICA, VOZ E RESSIGNIFICAÇÃO

A intervenção pedagógica que culminou na produção do podcast teve início a partir da constatação, obtida por meio de questionários diagnósticos e diálogos iniciais, de que os educandos e educandas associavam o conceito de currículo quase exclusivamente ao mundo do trabalho ou a um conjunto de conteúdos escolares desarticulados de suas experiências de vida. Esse distanciamento revelou a necessidade de mobilizar práticas que aproximassem o currículo da cotidianidade dos sujeitos, promovendo uma leitura multirreferencial da realidade e instaurando espaços de expressão e pertencimento. A música emergiu, nesse contexto, como dispositivo privilegiado para iniciar esse movimento.

Com o intuito de aproximar o currículo das experiências e saberes dos educandos e educandas, desenvolveu-se o projeto “Essa é a minha praia!”, que utilizou a música como disparador de diálogos, memórias e processos reflexivos. Cada participante escolheu uma música significativa, cuja escuta coletiva serviu de ponto de partida para partilhas nos Momentos FQTE. As narrativas emergentes, relacionadas à letra, ao ritmo, às lembranças evocadas e às interpretações produzidas, constituíram material formativo e analítico, pois permitiram conectar aspectos subjetivos às discussões curriculares, especialmente no campo da Geografia, de forma interdisciplinar. Nessa dinâmica, o papel do professor-pesquisador consistiu em mediar as aproximações entre as falas dos educandos, os conteúdos escolares e a perspectiva crítico-multirreferencial, que foi introduzida de modo contextualizado e gradativo. Essa experiência funcionou, ainda, como etapa preparatória para a construção colaborativa do podcast.

A música revelou-se uma ferramenta potente para acessar dimensões racionais, éticas, emocionais e desiderativas dos participantes, ativando memórias e produzindo narrativas que articulavam vivências pessoais e experiências do cárcere. As partilhas realizadas nos Momentos FQTE, carregadas de afetividade e elaboração subjetiva, constituíram material relevante para a análise, pois evidenciaram processos identitários e movimentos de resignificação que repercutiriam na construção do podcast. Um exemplo emblemático encontra-se no relato transcrito abaixo, registrado em áudio e posteriormente integrado ao corpus da pesquisa:

Vou falar do que sei, vou falar da música que escolhi, vou falar de mim. Hoje eu sou o professor, gosto disso. Vou levar vocês a saber o que a música quer dizer, vou fazer vocês pensarem e refletir das coisas da vida. Pois a música trata de parte da minha história. (Educando F³, documento gravado em áudio no dia 17 de outubro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 105).

O relato de outro educando evidencia como a música funcionou como mediadora para a compreensão da perspectiva crítico-multirreferencial, favorecendo a percepção de que conhecimentos escolares podem dialogar com saberes da vida cotidiana. Em sua fala, observa-se a emergência de uma compreensão ampliada do que pode constituir o currículo e de seu papel como sujeito ativo no processo educativo:

Quando entendi o que era essa multirreferencialidade, consegui ver que tudo poderia ser estudado na sala, e a música que escolhi me faz lembrar do meu passado, da minha vida, da minha família. Eu pude opinar qual assunto seria dado na sala, eu pude falar do assunto porque ele faz parte da minha história, disso eu sei falar. Consegui perceber que posso construir a partir do que sei, do que aprendi na vida lá fora. (Educando D, documento gravado em áudio no dia 04 de novembro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 104)

³ Educando e educanda apresentado por uma letra maiúscula para preservar sua identidade.

O processo contínuo de escuta, partilha e reflexão coletiva instaurado pela musicalização contribuiu para a construção de um ambiente pedagógico marcado pela confiança, pela pertença e pela ampliação do engajamento dos educandos. A presença de estudantes não matriculados nos encontros evidencia a força aglutinadora da prática e sua capacidade de tensionar a rotina prisional. Esse movimento favoreceu momentos de introspecção, empatia e elaboração emocional, fenômeno que os próprios participantes denominaram, em algumas situações, de “choro da compreensão”, expressão que emergiu como categoria significativa no corpus. A atmosfera, muitas vezes tensa do ambiente prisional, dava lugar a momentos de introspecção, empatia e, por vezes, “choro da compreensão”, como descrito por uma das educandas:

Os professores são muito bons e a escola ensina muita coisa a gente, mas, muitas vezes falava de coisas que eu não entendia. Quando a gente pode falar de nós, trazer o que vivemos o que sentimos e começamos a conversar sobre esses assuntos começou a ficar mais interessante. E o professor trazia outras informações da matéria dele e a gente continuava a conversa. Isso me fez pensar muito no que eu sou, no que eu fiz e no que eu quero para minha vida. Isso aqui não é lugar de gente não ... (*choro*) ..., mas a escola me faz entender que posso mudar, que posso ser qualquer coisa que eu quiser. (Educanda K. documento gravado em áudio no dia 23 de outubro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 112).

Nesse cenário, tornou-se pertinente registrar e compartilhar as reflexões produzidas nas práticas musicais por meio de um podcast, recurso capaz de ampliar as vozes dos participantes e de consolidar um espaço de autoria coletiva. A produção do episódio inaugural, intitulado “EU SOU!”, configurou-se como exercício de autorreflexão sobre identidade, pertencimento e possibilidade de transformação, mesmo em condições adversas. A fala a seguir exemplifica esse movimento, evidenciando como os educandos articularam suas narrativas de vida à proposta formativa:

Eu sou um guerreiro e venho lutando em decorrer dos tempos para ter um convívio, um bom convívio. Meu sonho é crescer na vida, minha meta é humilde, uma meta de batalhador, só crescer na vida e ser um vencedor mesmo. Minha família é tudo pra mim. Meu perrengue. Meu perrengue é um processo, mas creio que... tá sendo resolvido, Jesus tá tomando posse desse, desse perrengue. E a minha música que escolho é a música língua de lagartixa da banda NSC e ela é importante pra mim, porque ela mostra o que é e o que não é, né! A realidade, né! (Educando C, documento gravado em áudio no dia 12 de dezembro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 108).

O podcast, assim, não foi apenas um produto final do processo, mas uma culminância de um processo pedagógico que buscou dar voz, validar saberes e fomentar a ressignificação, utilizando a tecnologia como meio para amplificar as narrativas e esperar os educandos e as educandas.

VOZES QUE ECOAM ENTRE MUROS

A análise dos dados produzidos ao longo da pesquisa-ação revelou um quadro complexo e multifacetado acerca das percepções, aprendizagens e movimentos de ressignificação vivenciados pelos educandos e educandas da EJA no contexto prisional. A triangulação entre observação participante, Momentos FQTE, anotações pessoais, questionários e narrativas do podcast permitiu identificar categorias recorrentes, tais como: compreensão ampliada de currículo; emergência da autoria e da voz; reconhecimento de si como sujeito de direitos; e elaboração de sentidos sobre o encarceramento e sobre o próprio percurso de vida. Esses achados resultam da interação entre a perspectiva crítico-multirreferencial e o uso pedagógico do podcast, que instaurou um espaço expressivo de subjetividades.

Um dos primeiros achados, confirmado pelos questionários diagnósticos, foi o distanciamento dos educandos e educandas em relação ao conceito de currículo escolar, geralmente associado a práticas tradicionais centradas na transmissão de conteúdos e na avaliação técnica do desempenho (Coelho, 2020, p. 101). Essa percepção reforça críticas já apontadas por Silva (2017) e revela a inadequação de modelos curriculares que desconsideram a vida, a identidade e os saberes dos sujeitos, especialmente em contextos de privação de liberdade. A desconexão evidenciada justificou a necessidade de práticas curriculares que dialogassem com as experiências dos participantes e lhes reconhecessem protagonismo, o que fundamentou a introdução da música e, posteriormente, do podcast como dispositivos de mediação e produção de sentidos.

O projeto “Essa é a minha praia!”, ao utilizar a música como mediadora das discussões, mostrou-se estratégia eficaz para engajar os educandos e educandas e promover deslocamentos na compreensão de si e do mundo. A escolha musical, entendida como ato de expressão identitária, abriu espaço para narrativas que articularam memórias, afetos e projeções de futuro. Nos Momentos FQTE, a escuta coletiva transcendeu preferências estéticas e possibilitou a construção de sentidos sobre experiências sociais, culturais e existenciais. A música operou, assim, como ponte entre subjetividade e currículo, permitindo a emergência do que Morin (2002, p. 15) denomina “identidade complexa”, que articula dimensões físicas, biológicas, psíquicas, culturais e sociais. Essa complexidade dialoga diretamente com a perspectiva crítico-multirreferencial, ao reconhecer a pluralidade de referências que constituem os sujeitos em contexto prisional.

A articulação entre música e perspectiva crítico-multirreferencial catalisou processos de ressignificação, pois possibilitou que os educandos e educandas trouxessem seus saberes, vivências e referências para o centro da prática pedagógica. Essa ativação da autoria e da agência produziu sentimento de validação, deslocando a posição dos participantes de receptores para coconstrutores do currículo. A fala do Educando D evidencia esse movimento:

Quando entendi o que era essa multirreferencialidade, consegui ver que tudo poderia ser estudado na sala, e a música que escolhi me faz lembrar do meu passado, da minha vida, da minha família. Eu pude opinar qual assunto seria dado na sala, eu pude falar do assunto porque ele faz parte da minha história, disso eu sei falar. Consegui perceber que posso construir a partir do que sei, do que aprendi na vida lá fora. (Educando D, documento gravado em áudio no dia 04 de novembro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 114).

Essa percepção da própria capacidade de construir conhecimento é um passo fundamental no processo de emancipação freiriana (Freire, 2011).

Outro aspecto da ressignificação foi a mudança na percepção do próprio papel na escola e na sociedade. A Educanda K relata: “[...] a escola me faz entender que posso mudar, que posso ser qualquer coisa que eu quiser” (Coelho, 2020, p. 112). Essa fala, carregada de emoção, contrasta com a identidade estigmatizada de “presidiário(a)” que muitos internalizam, como observado por Coelho (2020). A experiência pedagógica, ao valorizar suas vozes e histórias, permitiu que se vissem para além do rótulo imposto pelo sistema penal.

A produção do podcast *PodCêSimples*, especialmente por meio do episódio inaugural “EU SOU!”, materializou os processos reflexivos construídos ao longo da intervenção e deu concretude às vozes dos participantes. Mais do que produto tecnológico, o podcast funcionou como dispositivo pedagógico e analítico, pois constituiu uma verdadeira caixa de ressonância das narrativas, debates e descobertas emergentes. Ao transpor simbolicamente os muros institucionais por meio da voz, o podcast possibilitou aos educandos e educandas compartilhar perspectivas, reconstruir identidades e humanizar a imagem frequentemente

despersonalizada atribuída às pessoas em situação de privação de liberdade. Como Lévy (1998, p. 20) sugere, a tecnologia pode criar novos "espaços antropológicos", dependentes "de técnicas, de significações, da linguagem, da cultura [...] e das emoções humanas".

A experiência gerou um sentimento de importância e contribuição, como expresso pela Educanda J em sua avaliação final:

Que bom que tivemos essa oportunidade de trabalhar junto e contribuir para a pesquisa, não temos muitos destes momentos e não nos sentimos importantes assim. Que pena que acabou, gostei muito de disser o que gosto e o que sinto, de aprender de uma forma diferente, de ouvi as colegas e as vezes chorar junto. Gostei de ouvir as músicas que me fizeram lembrar de momentos bons. Que tal se continuasse esse projeto, essa pesquisa. Poderia trazer outras músicas, filmes, coisas que nos lembrassem de coisas boas. Vamos gravar mais esse tal Pod, pode o quê? Como se chama mesmo? (Educanda J, documento transcrito do questionário de avaliação respondido no dia 11 de dezembro de 2019, apud Coelho, 2020, p. 115).

Essa fala não apenas válida a metodologia participativa, mas também aponta para o desejo de continuidade e para o potencial da ferramenta em "esperançar", como Freire (2011) nos convida a fazer, não uma espera passiva, mas uma busca ativa por transformação.

Os achados também revelaram os desafios inerentes ao contexto prisional. A flutuação na participação dos educandos e educandas, decorrente de transferências e mudanças de regime, impactou a continuidade do grupo (Coelho, 2020, p. 84). Observaram-se também diferenças nas dinâmicas entre as turmas masculinas e femininas, possivelmente relacionadas à estrutura física das unidades, ao tempo de sentença e à faixa etária dos participantes (Coelho, 2020, p. 105). Esses fatores reforçam a necessidade de abordagens flexíveis e contextualmente sensíveis, que reconheçam as múltiplas variáveis que influenciam o processo educativo no cárcere.

Em síntese, os achados indicam que uma abordagem curricular crítico-multirreferencial, mediada por ferramentas como a música e o podcast, pode efetivamente promover o engajamento, a reflexão crítica e processos de ressignificação em educandos e educandas restritos e privados de liberdade. Ao colocar suas vozes, saberes, vivências e experiências no centro do processo, a prática pedagógica contribui para a construção de um sentido para a educação escolar que vai além da mera instrução ou adaptação, tocando na dimensão mais profunda do ser e de sua relação com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESSIGNIFICANDO OLHARES, ESPERANÇANDO FUTUROS

E nessa *itinerância* do se construir sujeito e ser social, é que buscamos caminhos para sobrevivermos e "as dificuldades mais duras, a carência [...] as idas e vindas do processo que depende de muitos fatores para solidificar-se, nada disso diminuiu em nós, [...], a esperança. (Freire, 2011, p. 272). Esperançar-se no poder que possui a educação escolar em promover liberdade em um espaço marcado pelo aprisionamento. Uma esperança de nos (re)visitarmos possibilitando-nos um outro olhar de si; uma RESSIGNIFICAÇÃO. (Coelho, 2020, p. 117, parafraseando Freire, 2011).

Ao final desta jornada investigativa, que buscou trazer o potencial do podcast como ferramenta formativa sob uma perspectiva curricular crítico-multirreferencial na educação escolar que acontece no sistema prisional, ecoam as vozes dos educandos e das educandas, carregadas de reflexões, emoções e, sobretudo, de uma esperança que resiste às adversidades do cárcere. A experiência aqui relatada, embora circunscrita a um contexto específico, lança luz

sobre caminhos possíveis para uma educação que se pretenda verdadeiramente emancipatória e humanizadora nesses espaços.

Retomando o objetivo central, constatou-se que a articulação entre a perspectiva crítico-multirreferencial e o uso de TICs como o podcast mostrou-se profícua. A abordagem multirreferencial, ao valorizar a pluralidade de saberes e experiências (Ardoino, 2012; Macedo, 2012), permitiu a construção de um currículo mais conectado à vida dos educandos e das educandas, rompendo com a percepção inicial de um currículo distante e meramente técnico. A música, como elemento mediador, e o podcast, como canal de expressão e ressonância, foram ferramentas eficazes para promover o diálogo, a reflexão crítica e a interação social, indo ao encontro do que Freire (2011) propõe como uma educação dialógica e problematizadora.

Os achados, nutridos pelas narrativas dos participantes, indicam que essa prática pedagógica contribui significativamente para processos de ressignificação. A possibilidade de serem autores de seu processo de aprendizagem (Macedo, 2013), de terem suas histórias e saberes validados e de refletirem sobre sua condição de pessoas sociais e históricos (Morin, 2002), promove mudanças na autoestima, na percepção de si e na visão de si no mundo, como expressam as falas trazidas dos educandos e educandas. O podcast "PodCêSimples" emerge não apenas como um produto, mas como símbolo dessa possibilidade de (re)construção, de ressignificação e de esperança ativa.

Contudo, é fundamental reconhecer as limitações deste estudo. A pesquisa-ação, por sua natureza, está intrinsecamente ligada ao contexto e às pessoas envolvidas, o que restringe a generalização direta dos resultados. As particularidades do sistema prisional, como a instabilidade da população carcerária e as próprias restrições institucionais, representam desafios constantes para a implementação e continuidade de projetos pedagógicos (Onofre, 2015; Coelho, 2020). Futuras investigações podem explorar a aplicação dessa abordagem em outros contextos prisionais, realizar estudos longitudinais para acompanhar os efeitos a longo prazo ou aprofundar a análise sobre as diferenças de gênero observadas.

As implicações desta pesquisa apontam para a necessidade premente de se repensar o currículo da EJA nos espaços de restrição e privação de liberdade. É preciso ir além do currículo prescrito, muitas vezes desconectado da realidade e percebido como tradicional pelos educandos e educandas, e construir propostas que incorporem a multirreferencialidade, a participação ativa dos estudantes e o uso crítico e criativo das tecnologias. Isso demanda também investimento na formação continuada de educadores que atuam nesses espaços, preparando-os para lidar com a complexidade do ambiente e para adotar práticas pedagógicas emancipatórias e dialógicas.

Como sugerido por Coelho (2020), novas veredas podem ser exploradas, como o potencial das narrativas autoficcionais ou o uso de outras linguagens artísticas e tecnológicas no currículo escolar para o sistema prisional. O essencial é manter acesa a chama da busca por uma educação que, mesmo entre muros, liberte. Que permita às pessoas, como nos lembra a epígrafe de Cora Coralina, vislumbrar um "tempo superado", um futuro em que as prisões possam, de fato, dar lugar a escolas, e onde cada pessoa possa se reconhecer em sua complexa humanidade e em seu direito inalienável de aprender, de se expressar e de se ressignificar.

REFERÊNCIAS

ARDOINO, Jacques. Pensar a Multirreferencialidade. Tradução de Sérgio Borba. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). **Jacques Ardoino e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 87-99.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, J. G. (Org.). **O sujeito na educação: contribuições da abordagem transversal**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 1984.

CARREIRA, Denise; CARNEIRO, Suelaine. Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação: Educação nas Prisões Brasileiras. São Paulo: **Plataforma DhESCA Brasil**, 2009.

COELHO, Evandro Vilas Boas. **O currículo na perspectiva crítico-multirreferencial: Uma possibilidade de aprendizagem e resignificação dos educandos e educandas do Colégio Professor George Frago Modesto**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2020.

COELHO, Evandro Vilas Boas; NUNES, Márcia Laís de Oliveira Vidal. Gestão escolar e desenvolvimento do currículo em escolas que ofertam a educação de Jovens e Adultos. In: SANTOS, Jocenildes Zacarias; NUNES, Márcia Laís de Oliveira Vidal; COELHO, Evandro Vilas Boas (Org.) **Educação de Jovens e Adultos: Perspectivas e Pluralidades**. Curitiba: CRV, 2021.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 12. ed. São Paulo: Global, 1983.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FRÓES BURNHAM, T. Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 35-55.

IRELAND, Timothy (Org.). Educação em prisões. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 86, nov. 2011.

LENINE. Vivo. In: Lenine acústico MTV. Rio de Janeiro: **Sony Music**, 2004. Disponível em: <https://open.spotify.com/>. Acesso em: 25 maio 2025.

LÉVY, Pierre. **A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?** São Paulo: Loyola, 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Leo. **PodCast: guia básico**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Chrysallís, currículo e complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). **Jacques Ardoino & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. (Coleção pensadores & educação).

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares**. Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

MUÑOZ, Vernor. O direito à educação das pessoas privadas de liberdade. In: IRELAND, Timothy (Org.). Educação em prisões. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 86, p. 57-73, nov. 2011.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano (Org.). **A educação escolar entre grades**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação escolar na prisão**: o olhar de alunos e professores. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. *Educação escolar para jovens e adultos em situação de privação de liberdade*. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 239–255, maio-ago. 2015.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. **Redes de aprendizagem**: a construção da lecto-escrita nos labirintos da web. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. Tecnologias e Educação: possibilidades de aprendizagem. In: SANTOS, J. Z.; MACEDO, R. S. (Orgs.). **Currículo, formação e tecnologias**. Salvador: EDUNEB, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

Data da submissão: 18/06/2025

Data da aprovação: 14/12/2025